

NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS E INTERGERACIONALIDADE: CRUZAR EXPERIÊNCIAS E SABERES NUMA FORMAÇÃO DE PROFESSORES COM O FOCO NA CRIANÇA¹

■ TERESA SARMENTO

 <https://orcid.org/0000-0002-2371-399X>

Universidade do Minho

RESUMO

O texto analisa a importância das narrativas (auto)biográficas na formação, com foco no bem-estar das crianças, professores e outros agentes educativos, visando a construção de uma sociedade baseada em relações entre pessoas de diferentes idades. As escolas são, por natureza, comunidades escolares intergeracionais, tanto entre os professores quanto entre estes e os alunos. As relações entre gerações são influenciadas pela visão de criança e de educação, imagens conceptuais estas que não estão estritamente divididas por faixas etárias. As experiências vividas e a reflexão sobre estas estão na base da construção dessas concepções. Após a abordagem teórica sobre intergeracionalidade, formação e narrativas (auto)biográficas, oferece-se a proposta de organização de um atelier (auto)biográfico como método de formação contínua, no qual se promova a partilha de experiências, concepções e conhecimentos entre profissionais de diferentes idades, em que a agência da criança seja permanentemente problematizada. O texto conclui com a afirmativa da relevância também do uso das narrativas (auto)biográficas como método de investigação, destacando a capacidade de reflexão crítica e transformadora de experiências em conhecimento científico e pedagógico.

Palavras-chave: Formação. Intergeracionalidade. Narrativas (auto)biográficas.

¹ Este trabalho foi financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito dos projetos do CIEC (Centro de Investigação em Estudos da Criança da Universidade do Minho) com as referências UIDB/00317/2020 e UIDP/00317/2020.

ABSTRACT (AUTO)BIOGRAPHICAL NARRATIVES AND INTERGENERATIONALITY: CROSSING EXPERIENCES AND KNOWLEDGE IN TEACHER TRAINING WITH A FOCUS ON CHILDREN

This paper analyzes the importance of (auto)biographical narratives in training, focusing on the well-being of children, teachers and other educational agents, aiming to build a society based on relationships between people of different ages. Schools are, by nature, intergenerational school communities, both between teachers and between teachers and students. Relations between generations are influenced by the vision of children and education, conceptual images that are not strictly divided by age groups. Lived experiences and reflection on them are the basis for the construction of these conceptions. After the theoretical approach on intergenerationality, training and (auto)biographical narratives, we propose the organization of an (auto)biographical workshop as a method of continuous training, in which the sharing of experiences, conceptions and knowledge between professionals of different ages, in which the child's agency is permanently problematized. The paper concludes with the affirmation of the relevance of the use of (auto)biographical narratives as a method of investigation, highlighting the capacity for critical reflection and transformation of experiences in scientific and pedagogical knowledge.

Keywords: Training. Intergenerationality. (Auto)biographical narratives.

RESUMEN NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS E INTERGENERACIONALIDAD: CRUCE DE EXPERIENCIAS Y SABERES EN LA FORMACIÓN DOCENTE CON ENFOQUE EN LA NIÑEZ

El texto analiza la importancia de las narrativas (auto)biográficas en la formación, centrándose en el bienestar de niños, profesores y otros agentes educativos, con el objetivo de construir una sociedad basada en las relaciones entre personas de diferentes edades. Las escuelas son, por naturaleza, comunidades escolares intergeneracionales, tanto entre profesores como entre profesores y alumnos. Las relaciones entre generaciones están influenciadas por la visión de los niños y la educación, imágenes conceptuales que no están estrictamente divididas por grupos de edad. Las experiencias vividas y la reflexión sobre ellas son la base para la construcción de estas concepciones. Después del abordaje teórico sobre intergeneracio-

nalidad, formación y narrativas (auto)biográficas, proponemos la organización de un taller (auto)biográfico como método de formación continua, en el que el intercambio de experiencias, concepciones y conocimientos entre profesionales de diferentes edades, en que la agencia del niño queda permanentemente problematizada. El texto concluye con la afirmación de la relevancia del uso de narrativas (auto)biográficas como método de investigación, destacando la capacidad de reflexión crítica y transformación de las experiencias en el conocimiento científico y pedagógico.

Palabras clave: Formación. Intergeneracionalid. Narrativas (auto)biográficas.

Introdução

O texto acima intitulado objetiva analisar a relevância de narrativas (auto)biográficas para a promoção da formação com especial atenção ao bem-estar das crianças, dos professores e de outros agentes educativos, na perspectiva da (re)construção de uma sociedade humana, em que a vida ocorre na base de relações intergeracionais. A escola é, por natureza, um contexto de convivência entre diferentes gerações: crianças, professores jovens e professores veteranos, pais de gerações nem sempre coincidentes com as dos professores dos seus filhos; as experiências e saberes de uns e de outros são muito diversas e a sua partilha pode enriquecer cada um. Neste texto vou focar-me em especial nas interações entre os professores, desocultando oportunidades de a formação com base em narrativas (auto)biográficas, poder exponenciar o valor da intergeracionalidade educativa.

Na situação portuguesa atual, verifica-se uma grande polarização etária, com um grupo muito significativo de docentes veteranos (dados de 2022, mostram que no ensino básico e secundário – pré-escolar, 1º, 2º, 3º ciclos e ensino secundário² - na escola pública, estavam a

trabalhar 131,133 indivíduos, sendo que destes, 17,47% tinham mais do que 60 anos de idade, 34,95% tinha entre 50-59 anos, 36,16% tinha entre 40 e 50 anos, 9,11% entre 30 e 40 anos e só 2,3% tinha até 30 anos de idade³. Com a saída progressiva para a aposentação, começa a verificar-se a entrada residual mas crescente de jovens professores. Ora, daqui se depreende como as comunidades escolares são intergeracionais entre os professores, mas também, naturalmente, com as crianças e jovens por cuja educação são responsáveis. A forma como se relacionam está muito marcada pela visão de criança e de educação, a qual não está dividida geracionalmente; ou seja, não se pode dizer que os professores mais velhos têm uma visão de criança como mera aprendente de saberes transmitidos pelos mais velhos, e que os professores jovens são reconhecedores exímios da criança como agente, com voz própria. As conceções de uns e de outros são reconstruíveis ao longo dos tempos, o que muito depende das experiências que vão vivenciando e da reflexão partilhada que possam realizar sobre as mesmas.

No final, este texto oferece uma proposta de ação de formação em atelier biográfico,

2 Em termos de correspondência entre sistemas educativos, os ensinos básico e secundário de Portugal traduzem-se pelo ensino fundamental e médio do Brasil.

3 Dados recolhidos em <https://edustat.pt/indicador?id=17&mobile=true>, em 02-04-2024.

que decorre destes pressupostos, pretendendo apoiar a formação contínua de grupos de profissionais intergeracionais. A partilha de narrativas (auto)biográficas de uns e de outros, na minha perspetiva, pode constituir um caleidoscópio de olhares, memórias, conhecimentos e expectativas que, de forma colorida e entrecruzada, dará forma a contextos em que cada um se identifica e se sente parte de uma sociedade em movimento.

Neste artigo, irei abordar narrativas (auto)biográficas, tanto no processo de formação profissional (FP), quanto como fonte e método de investigação, o que se deve ao pressuposto de que o ato de narrar as experiências vividas permite uma reflexão crítica sobre conhecimentos e saberes experienciais, possibilitando problematizar os sentidos atribuídos às suas vivências, transformando-os em conhecimento científico e, ao mesmo tempo, pedagógico.

Um panorama intergeracional nas escolas

A FP encontra-se em fase de transição, justificada por múltiplas razões de ordem científico-pedagógica mas também política, social e organizacional. Em Portugal, por exemplo, sabendo-se que a idade de entrada na aposentação são os 66,4 anos de idade, como se depreende dos números acima apresentados, espera-se que nos próximos cinco anos saia do sistema educativo um número muito elevado de professores. A substituição dos mesmos não está numericamente garantida e a qualidade formativa, sobretudo a nível da reconstrução de conhecimentos e da valorização do património cultural já existente, está em risco. Ora, a FP é um dos principais pilares para o desenvolvimento do sistema educativo e, daí, para o presente e futuro das crianças. Por sua vez, o conhecimento tem-se tornado cada vez mais complexo, obrigando, por isso, a FP a um

constante processo de revisão, aprofundamento, rigor e exigência, de forma a garantir a atualização qualificada de saberes e fazeres, garantindo também, assim se deseja, o desenvolvimento pessoal de cada um.

Este texto parte de uma abordagem das conceções e princípios basilares da FP que pugnamos⁴ - de sociedade, de educação e escola, visão de alunos/crianças e jovens, de agência, de voz, de experiência, e do papel dos professores e investigadores no presente e no futuro -, e baseia-se na importância que atribuo à construção de ciência e formação com participação dos atores sociais, tendo em vista a promoção de uma sociedade mais humanizada⁵. Posiciono-me a favor de uma FP no âmbito de uma racionalidade crítica, entendendo os docentes como intelectuais, capazes de questionarem os pressupostos educativos vigentes, bem como aptos a pesquisarem, com o seu coletivo profissional e em articulação com diferentes formas de construção de conhecimento, respostas para questões do seu quotidiano profissional.

Da formação de professores

A FP está intrinsecamente associada às conceções de sociedade, da visão de alunos/crianças e jovens, de educação e escola, bem como ao que se pensa sobre o papel dos professores no presente e no futuro. Alguns autores (Lima e Afonso, 2002; Afonso, 2012; entre outros) desocultam a visão dominante no campo da educação e da FP sustentada na ideologia

4 Com o uso do plural (pugnamos) aqui utilizado, pretendo afirmar a consciência de que as minhas crenças e saberes profissionais se sedimentam na articulação dos meus conhecimentos construídos, numa dialética individual-coletiva, nos diferentes espaços de socialização em que navego já há mais de quarenta anos de estudos, investigação e ação pedagógica especializada em formação de educadoras de infância e de professores.

5 Ver Sarmento, Teresa. Formação De Professores Para Uma Sociedade Humanizada. **Revista Da Educação**, 22(2), pp. 285-297, 2017.

neoliberal, de base reprodutora, a serviço de uma sociedade mercantilista, a qual ignora e desperdiça o potencial construtivo dos professores, remetendo-os a um papel passivo, de mero canal transmissivo, 'justificada' por uma racionalidade técnica. Ora, numa escola plural, caracterizada pela diversidade cultural, pela multiplicidade de modos de interação e ação social, face a um presente e futuro de incertezas, os professores não se podem limitar a optarem por um mero papel social previamente programado, atuantes de acordo com uma lógica única e por outros determinada. Autores como Nóvoa (2017), Formosinho (2009), Giroux (1997), Tardif e Lessard (2012), entre outros, têm salientado a pertinência de a formação ser realizada entre pares, estabelecendo-se grande permeabilidade e forte interação entre a 'comunidade dos formadores dos professores' (professores do ensino superior) com a 'comunidade dos professores' (educadores e professores do ensino básico e secundário), de forma a (re)construírem conhecimentos, vontades e competências. A análise de casos concretos, a partilha de experiências mobilizadas das suas histórias de vida, a busca de respostas a problemas de ensino e de aprendizagem, a análise de momentos de interação com crianças e famílias, são estratégias formativas tidas como pertinentes nessa forma de ver e fazer a FP, em que cada um atua como sujeito, capaz de trabalhar colaborativamente com pares profissionais e com as comunidades.

A experiência, no sentido de atribuir significados efetivos a vivências desenvolvidas e a dar sentido às práticas sociais, é um pilar fundamental no processo de formação. O formando é, na perspetiva aqui defendida, um agente crítico, cuja subjetivação, entendida como *lógica do sujeito* (Dubet, 1994), está presente nas ações que desenvolve como professor, daí que o processo formativo precise atender a

quem são as pessoas-docentes, de que forma as suas histórias de vida e as suas expectativas podem ser mobilizadas num processo de *constituição de si* (Delory-Momberger, 2011) como profissionais da docência, relevando-se o valor que cada formando experiencia e a que dá forma, de que se apropria subjetivamente por estar nessas situações por inteiro, na relação com os outros e com os saberes específicos da profissão, com uma intencionalidade pedagógica que se clarifica, fortalece, reconfigura e reconstrói ao longo do tempo. A investigação narrativa permite compreender como as experiências biográficas significativas se articulam com a sociedade e cultura a que o indivíduo pertence. A experiência humana, no campo da formação e da investigação aqui abordada, vale como fonte de indagação, de interpretação, num processo de (re)construção interativo intergeracional.

Um dos andaimes mais fortes da FP é a abordagem das conceções de criança/aluno e da relação pedagógica que daí decorre (Sarmiento, T. 2002). No processo de aquisição e construção de saberes, o conhecimento que cada um elabora sobre o grupo com quem realiza a sua ação é mediado pela ideia de criança, conhecimento esse que tenderá a ter uma sustentação pluridisciplinar.

A escola tem sido o contexto que mais tem integrado um sentido de 'ofício de aluno' (Perrenoud, 1995; Sarmiento, T. 2018), o qual aparece traduzido, quase exclusivamente, pelo desenvolvimento das crianças como seres aprendentes dos saberes universais socialmente tidos como fundamentais, ignorando, muitas vezes, o seu desenvolvimento global enquanto pessoas/cidadãs. Em contraponto, tem-se vindo a afirmar uma outra visão de criança/aluno com agência própria, ator social pensante e competente para fazer escolhas e expressar ideias. Essa mudança torna-se especialmente exigente na FP, na medida

em que obriga a uma (re)conceitualização no sentido de garantir a compreensão e efetividade da participação da criança/aluno no seu processo educativo.

Das narrativas (auto)biográficas

As narrativas (auto)biográficas (N(A)B), enquanto fonte de investigação e, ao mesmo tempo, instrumento formativo, elucidam acerca de como cada sujeito vai dando sentido à vida, em relação e em contexto (Kelchtermans, 2016), numa perspetiva integradora do saber, do fazer e do ser. As N(A)B permitem compreender características dos contextos e de vivências em que a paisagem educacional e os princípios organizadores do sistema educativo configuram quotidianos (Bourdieu, 1986; Goodson, 2015). A postura de aprendiz que se concretiza na partilha de narrativas pessoais é, como diz Freire (1996), uma forma de estar atento ao mundo e ao outro. Freire afirma a necessidade do respeito do compromisso do profissional com a sociedade. Para ele, a primeira condição é ser capaz de agir e refletir. Se não existe reflexão, também não existe a possibilidade de transpor os limites que são impostos pelo próprio mundo e comprometer-se com a sua mudança, ou seja, é necessário *conhecer-se no mundo*.

A mobilização de N(A)B para o processo formativo de educadores/professores justifica-se como estratégia de reflexão e de promoção de trocas entre profissionais, tendo em vista a promoção de mudanças ou transformações. Partilhar histórias de vida permite, a quem narra, refletir e avaliar um percurso, compreendendo o seu sentido, identificando os passos concretos desse caminho e reaprendendo diversas dimensões do mesmo. E a quem ouve (ou lê), permite perceber que a sua história se entrecruza com tantas outras.

Os métodos (auto)biográficos baseiam-se na arte ou técnica de interpretar e explicar um texto ou discurso, ou seja, em processos hermenêuticos. Esta forma de construir conhecimento parte da busca de compreensão de como os sujeitos, a partir das suas narrativas, dão sentido às experiências por si vividas, admitindo que a reflexão sobre as mesmas torna possível a (re)configuração dos objetos estudados – neste caso, de *si* enquanto educador/professor e do seu conhecimento e ação profissional.

Com base na filosofia hermenêutica apresentada e desenvolvida por Heidegger, a linguagem é central na investigação narrativa, dado ser esta a fonte de indagação e compreensão das ações humanas. Seguindo a análise de Quintero Mejía (2018), na proposta heideggeriana os elementos fundamentais para a compreensão, são: redução, construção e destruição. Estes elementos estão intrinsecamente dependentes entre si e sustentam o princípio da copertença que neles reside, podendo o processo ser assim compreendido: uma construção filosófica é necessariamente uma desconstrução, realizada através de um retorno histórico à compreensão do que se transmite, o que significa uma negação da tradição ou, antes, uma apropriação positiva do que a mesma comporta.

Gadamer (2007) entende a investigação narrativa como compreensão, conversação e formação. Para este autor, as dimensões comunicativas e conversacionais não constituem óbice à discussão de assuntos relacionados com construção de ciência e os seus efeitos na vida prática. A conversação (ou partilha de narrativas) não se reduz ao âmbito das palavras ou ao domínio da linguagem. Para ele, além de ser um procedimento metódico em que se procura responder às questões colocadas pelo interlocutor, trata-se de uma dialética que não parte do zero nem se confina em res-

postas fechadas. A partilha de narrativas é um processo de compreensão interpretativa, que nos permite ser conduzidos por esta até ao conhecimento. Ou seja, está aqui a base que sustenta os investigadores narrativos: interpretar e compreender, num processo que é colaborativo e intersubjetivo.

Clandinin e Connelly (2015), afirmam que a narrativa capta e investiga experiências à medida que os seres humanos as vivem no tempo, no espaço, na pessoa, através das interações que estabelecem. O foco principal da investigação narrativa são as histórias narradas e, nelas, os indivíduos precisam ser entendidos como seres que interagem e que estão inseridos em contextos sociais específicos. Segundo estes autores, a função do pesquisador é interpretar os textos narrados e, a partir deles, criar novo conhecimento.

De acordo com Abrahão (2003), as N(A)B permitem ressignificar os caminhos da vida profissional e pessoal através de um processo que começa por ser de autocompreensão e autoconhecimento, potencializando o diálogo com os aspetos socioculturais. Esse é um dos princípios das *escritas de si*, da dimensão *autopoiética* da reflexão narrativa. Entre um acontecimento e a sua significação, acontece o processo de dar sentido ao acontecido; assim, “a experiência constitui-se nessa relação entre o que nos acontece e a significação que atribuímos ao que nos afetou. Isso se faz mediante o ato de dizer, de narrar, (re)interpretar” (Passeggi, 2011, p. 149).

Nos últimos anos tem sido crescente o número de investigações e decorrentes publicações na área da vida, da identidade e da formação de professores tendo como sustentação metodológica métodos (auto)biográficos, nas suas diversas possibilidades (histórias de vida em formação, pesquisa (auto)biográfica, pesquisa narrativa, outras). Trata-se de um movimento internacional com investigadores

particularmente representativos na América do Sul - Conceição Passeggi (2014), Daniel Suarez (2017), M^a Helena Abrahão (2003), Elizeu Souza (2006), na América do Norte - Michael Connelly e Jean Clandinin (2015), na Europa - Franco Ferrarotti (1991), António Nóvoa (1992), Helena Araújo (2000), Gaston Pineau (2006), Daniel Bertaux (1997), Christine Josso (2007), Hervé Breton (2017), Ivor Goodson (2015), Matias Alves (2013), Conceição Leal da Costa (2015), Teresa Sarmiento (2000)⁶, entre outros.

Projeto formativo: *Narrativas (auto)biográficas e formação de professores: cruzar experiências e saberes, construir conhecimento*

Na segunda parte deste texto partilho o desenho de uma ação de formação (a que passo a designar como projeto), a ser desenvolvida com professores de diferentes gerações, a qual será articulada com um projeto de investigação, procurando, a par e passo, justificar aspetos que justifiquem o título do texto, ou seja, *Narrativas (auto)biográficas e intergeracionalidade cruzar experiências e saberes numa formação de professores com o foco na criança*.

Perspetivando o desenvolvimento de competências metodológicas e críticas, na base da integração de saberes e de vivências intersectoriais, tendo como finalidade a reflexão e a ação pedagógica reconhecadora dos direitos das crianças a uma educação de qualidade, o projeto funda-se no reconhecimento à voz de cada sujeito na participação do seu processo formativo.

Neste projeto mobilizam-se conhecimentos construídos sobre FP em articulação com

⁶ De cada autor está indicada uma só obra, no entanto, cada um dos referidos tem um conjunto alargado de trabalhos publicados.

os estudos da criança, realçando e promovendo as N(A)B como instrumento de formação e fonte de construção de conhecimento científico.

1. Atelier (auto)biográfico

O atelier (auto)biográfico – modalidade em que a ação de formação pode ser desenvolvida – terá a duração de 30 hrs presenciais e 20 hrs não presenciais. O grupo de participantes não poderá exceder doze pessoas, de forma a facilitar as interações, dando tempo suficiente a que cada um se expresse à vontade. A liderança (mediação/orientação) estará a cargo de um formador-investigador, especialista em métodos (auto)biográficos.

O atelier decorrerá em oito sessões presenciais, de 3 hrs cada, numa sequência quinzenal, sendo a presença no Seminário final, aberto a quem se quiser inscrever, contabilizado como 6hrs, restando as 20hrs para a exploração de textos e realização de uma narrativa autobiográfica ou biográfica de um educador/professor.

As sessões serão dinamizadas com a participação de todo o grupo, a partir das reflexões sobre os textos trabalhados no tempo assíncrono, das suas próprias narrativas ou incitadas por educadoras/professores que se convidem, de acordo com o roteiro que exponho a seguir. Ninguém será obrigado a expor a sua história de vida.

Objetivos

São objetivos do atelier:

- Reconhecer o valor da experiência (inter) pessoal como andaime para a construção de conhecimento profissional;
- Analisar as diferentes visões sobre criança e educação e respetivas influências na ação docente;
- Desenvolver a reflexão crítica sobre as diferentes dimensões da ação do pro-

fessor;

- (Re)conceitualizar as práticas docentes numa sociedade em mutação.

Organização das sessões

1. A primeira sessão será de apresentação da ação (objetivos, metodologia proposta, avaliação), seguida da visualização e reflexão sobre um filme.

No final desta sessão e nas cinco seguintes serão disponibilizados dois textos para leitura e análise nos momentos assíncronos, ficando os formandos com liberdade para pesquisarem outros artigos ou documentários acerca das dimensões que serão propostas para os encontros seguintes. A análise dos textos será orientada por um guião de leitura. Os textos – cujo resumo se apresenta no quadro seguinte – versarão a temática explorada na sessão no fim da qual são distribuídos, e a análise dos mesmos potenciará o alargamento da reflexão, a ser partilhada de forma intersubjetivada.

2. O roteiro de cada uma das cinco sessões seguintes será:

- Socialização crítica das leituras efetuadas;
- Partilha de narrativas (auto)biográficas, com focalização na dimensão proposta;
- Síntese.

3. A penúltima sessão será de preparação para a participação no Seminário, no qual se integrará um painel para a apresentação do trabalho desenvolvido.

4. A última sessão terá a participação de educadores/professores, externos ao grupo, especialmente convidados para partilharem as suas narrativas.

5. A avaliação formal final será efetivada pela apreciação da participação nas sessões, sobretudo na análise dos textos, e pela apresentação no Seminário.

Mapa geral do Atelier

SESSÃO	ÁREA DE PARTIDA	TEXTOS PROPOSTOS PARA LEITURA
1	Visualização do filme: <i>Além da Sala de Aula</i> (2011), Dir. Jejj Bleckner	<p>ARAÚJO, Helena. As pioneiras na educação: as professoras primárias na viragem do século contextos, percursos e experiências, 1870-1933. Porto: Ed. Afrontamento, 2000.</p> <p>JOSSO, Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. Revista Educação, n. 3 (63), pp. 413-438, 2007. Disponível em: https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/2741. Acesso em 10-01-2024.</p>
2	Criança(s) e ação educativa	<p>PASSEGGI, Conceição. Nada para a criança, sem a criança: o reconhecimento de sua palavra para a pesquisa (auto) biográfica. In: MIGNOT, Sampaio e PASSEGGI (Orgs). Narrativas (auto)biográficas de crianças. Infância, Aprendizagem e Exercício da Escrita, pp. 133-147. Editora CRV, 2014.</p> <p>SARMENTO, Teresa. Infâncias e crianças em narrativas de educadoras de infância. In: PASSEGGI, FURNALETTO e PALMA (Org.). Pesquisa (auto)biográfica, infâncias, escola e diálogos intergeracionais, pp. 77-94. Editora CRV, 2016.</p>
3	Organização Educativa e ação docente	<p>ALVES, José Matias. A avaliação pedagógica e os impactos nas memórias. In: ALVES, José Matias (Coord). Memórias de Professores - Emoções, Identidades Profissionais, Currículo e Avaliação. Porto: CEDH-Porto, 2013, pp. 147-182.</p> <p>SARMENTO, Teresa; SILVA, Daniela. “Queo a minha Shela, queo os amigos”: refletir o isolamento social de bebés em tempos de pandemia, na base de uma experiência vivida em Portugal. Zero-a-Seis, Florianópolis, v. 22, n. Especial, pp. 1206-1228, 2020. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view/77963. Acesso em: 16-01-2024.</p>
4	Experiências de formação	<p>LARROSA, J. Experiência e alteridade em educação. Reflexão E Ação, 19(2), pp. 04-27, 2011.</p> <p>SARMENTO, Teresa. Contextos de Vida e Aprendizagem da Profissão. In: FORMOSINHO, J. (Org.). Sistemas de Formação de Professores: Saberes Docentes, Aprendizagem Profissional e Ação Docente, pp. 303-327. Porto Editora, 2009.</p>
5	Relação com a Comunidade	<p>CASA-NOVA, M^a José (). (I)Migrantes, diversidades e desigualdades no sistema educativo português: balanço e perspectivas. Ensaio: avaliação de políticas públicas, v.13, n.47, pp. 181-216, 2005. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ensaio/a/GYHXB6j3gFjhwZZhXhwpLPb/?lang=pt. Acesso em: 18-12-2024.</p> <p>COSTA, Conceição; SARMENTO, Teresa. O Que Fazemos Com O Que Fazem Connosco... Trilhar Caminhos Em Interação. Revista @Mbienteducação, v. 12, n. 2, pp. 58-71, 2019. Disponível em: https://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/34517. Acesso em 20-11-2023.</p>

6	Narrativas de futuro	<p>ALVES, Cecília. Narrativas de história de vida e projeto de futuro no estudo do processo de identidade. Textos e Debates, n.31, p. 33-41, 2017.</p> <p>SILVA, Lenina. Lições do passado: memórias e narrativas autobiográficas em perspectivas para o futuro. <i>e-cadernos CES</i>, http://journals.openedition.org/eces/1327, 2008.</p>
7	Partilha de narrativas de Educadores/Professores que se distingam nas dimensões referenciadas nas sessões anteriores.	<p>-----</p>
8	Preparação da apresentação no Seminário	<p>-----</p>

2. Projeto de investigação

A componente de investigação deste projeto está estritamente articulada com o atelier.

Objetivos

- Analisar contributos das N(A)B para a promoção de conhecimento profissional;
- Analisar como os educadores/professores reconstróem os seus saberes profissionais;
- Desocultar a presença das seguintes dimensões nas narrativas produzidas: visão de criança, organização escolar, formação, relação com a comunidade, expectativas profissionais;
- Aferir como a subjetividade presente nas narrativas se compagina com validade científica.

Percurso da investigação

No início da ação serão esclarecidos os propósitos referentes à investigação a ser realizada, sendo o grupo convidado a participar da mesma, devendo, para tal, assinar um protocolo de consentimento de recolha e uso dos

dados para as finalidades anunciadas, com a garantia o anonimato nas publicações daí resultantes. Caso haja situações de renúncia à participação desta componente, não serão recolhidas narrativas dessas pessoas para fins de investigação a ser publicada. A recolha das narrativas será apoiada por gravação, as quais serão posteriormente transcritas e devolvidas a cada formando para validação deste processo.

Tendo em vista a investigação em curso, as questões orientadoras são:

- Como aprendem os professores?
- As N(A)B, enquanto método formativo, podem promover o desenvolvimento profissional?
- Quais os contributos das narrativas para a (re)construção da visão de criança na relação educativa?
- Como refletem os professores sobre a articulação entre o que fazem, como fazem e porque fazem? O que valorizam sobre a inserção em organizações educativas?

Posteriormente, o processo de tratamento dos dados seguirá o modelo de análise categorial proposto por Bardin (1977).

3. Seminário

Para culminar a ação de formação, pretende-se realizar um Seminário, o qual tem como objetivos:

- Discutir e aprofundar conhecimento sobre a relevância de métodos (auto)biográficos para a investigação, o ensino e a interação dialógica com a sociedade;
- Ampliar a discussão sobre a produção de conhecimento no que concerne à

percepção de professores sobre crianças e sobre formação;

- Debater princípios epistemológicos dos métodos (auto)biográficos;
- Socializar os resultados da experiência formativa no atelier.

Os destinatários deste Seminário, para além dos formandos, serão elementos da comunidade científica, estudantes de pós-graduação, educadores e professores

Programa

9.30 – 10.45	Conferência Inicial – <i>Narrativas (auto) biográficas e intergeracionalidade: cruzar experiências e saberes numa formação de professores com o foco na criança</i>
Intervalo	
11.00 – 12.45	Mesa redonda – Princípios epistemológicos, estratégias metodológicas e áreas de desenvolvimento dos métodos (auto)biográficos
Intervalo	
14.30 – 15.20	Roda de conversas sobre experiências formativas em ateliers (auto)biográficos Grupo local e outros
15.30 – 17.30	Mesa redonda – O atelier como experiência formativa e objeto de investigação
17.30 hrs	Merenda, com animação pelo Grupo de Cantares de Mulheres do Minho (narrativas musicais)

Nota: a explicitação de momentos de intervalo e da merenda são feitos como reconhecimento da importância dos mesmos para o reforçar de laços intergeracionais entre os participantes.

Avaliação final do projeto

O projeto será avaliado formativamente ao longo do seu desenvolvimento, e do mesmo resultarão publicações em revistas científicas e de divulgação profissional.

Considerações finais

A formação docente, na perspetiva da construção de uma sociedade em que todos façam sentido, valoriza as crenças, pensamentos e experiências do professor, considerando as interações intergeracionais nos diversos contextos que ele vivencia. Isso implica reconhecer a importância das narrativas (auto)biográficas

como recurso formativo e metodológico na promoção de conhecimento pedagógico e epistemológico.

A narrativa pessoal, quando partilhada, permite atribuir significado às vivências do quotidiano, transformando os significados atribuídos em formação. A profissão docente é vista como uma profissão do humano, logo, a mobilização e socialização de memórias significativas, ocorridas ao longo da vida, é crucial para desenvolver o *reconhecimento de si* enquanto membro de uma comunidade educativa em que todos importam. A formação é concebida, neste sentido, como uma ação coletiva, o que requer uma abordagem que reconheça o

professor como *sujeito* de formação, capaz de se reestruturar e atuar como protagonista no ambiente pedagógico em que atua.

Por fim, é na interação dos professores com as crianças e as comunidades que se fazem as principais aprendizagens não técnicas, mas fundamentais, da profissão. É no contato com situações reais, com crianças não padronizadas, com a diversidade de populações, que os professores aprendem outra forma de ver o mundo, o que os obriga a racionalizar emotivamente sobre a ação de professor: alguém que ensina, que transmite, mas, sobretudo, que tem que aprender como tornar significativos os saberes com as crianças, com os pares profissionais e consigo próprio, com vista à finalidade última da educação, que é promover cada um enquanto pessoa.

Referências

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica. **Revista História Da Educação**, v. 7, n. 14, p. 79-95, 2003. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/30223/pdf>. Acesso em: 04 jan. 2024.

AFONSO, Almerindo. Para uma conceitualização alternativa de accountability em educação. In: Dossiê: "Políticas públicas de responsabilização na educação". **Educação e Sociedade**, v. 33, n. 119, p. 471-484, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/VPqPJdyyZ5qBRKWVfzFDQ3m/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 10 dez. 2023.

ALVES, Cecília. Narrativas de história de vida e projeto de futuro no estudo do processo de identidade. **Textos e Debates**, n.31, p. 33-41, 2017.

ALVES, José Matias. A avaliação pedagógica e os impactos nas memórias. In: ALVES, José Matias (Coord). **Memórias de Professores** - Emoções, Identidades Profissionais, Currículo e Avaliação. Porto: CEDH-Porto, 2013. p. 147-182.

ARAÚJO, Helena. **As pioneiras na educação: as professoras primárias na viragem do século contextos,**

percursos e experiências, 1870-1933. Porto: Afrontamento, 2000.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70.

BERTAUX, Daniel. **Les récits de vie**: perspective ethnosociologique. Paris: Nathan Université, 1997.

BOURDIEU, Pierre. L'illusion biographique. **Actes de la recherche en sciences sociales**. Paris, p. 69-72, 1986. Disponível em https://www.persee.fr/doc/arss_0335-5322_1986_num_62_1_2317. Acesso em: 13 dez. 2023.

BRETON, Hervé. Se former par l'expérience de l'ailleurs: situations d'indétermination et acquis du voyage. **Éducation permanente**, v. 2, n. 211, p. 27-37, 2017. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/317303294>. Acesso em: 30 nov. 2023.

CASA-NOVA, Mãe José (). (I)Migrantes, diversidades e desigualdades no sistema educativo português: balanço e perspectivas. **Ensaio: avaliação de políticas públicas**, v.13, n.47, pp. 181-216, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/GYHXB6j3gFjhw-ZZhXhwpLPb/?lang=pt>. Acesso em: 18 dez. 2023.

CLANDININ, Jean; CONNELLY, Michael. Pesquisa narrativa: a experiência e história em pesquisa qualitativa. Revista Uberlândia: **EDUFU**, 2015. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/1766>. Acesso em: 30 nov. 2023.

COSTA, Maria Conceição. **Viver construindo mudanças – a vez e a voz do professor. Contributo para os estudos da aprendizagem e desenvolvimento dos professores**. [Dissertação de Doutorado não publicada]. Universidade de Évora, 2015.

COSTA, Conceição; SARMENTO, Teresa. O Que Fazemos Com O Que Fazem Connosco... Trilhar Caminhos Em Interação. **Revista @Mbienteducação**, v. 12, n. 2, p. 58-71, 2019. Disponível em: <https://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/34517>. Acesso em: 20 nov. 2023.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Fundamentos epistemológicos da pesquisa biográfica em educação. **Educação em Revista**, v. 27, n. 1, p. 333-346, 2011.

- Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/xhw4bbpW3HZkPQZhTtWLCbH/> Acesso em: 04 dez. 2023.
- DELORY-MOMBERGER, Christine. Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto. **Educação e Pesquisa**, v. 32, n. 2, p. 359-371, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/GxgXTXCCBkY-zdHzbMrbbkpM/abstract/?lang=pt>. Acesso em 04 dez. 2023.
- DUBET, François. **Sociologie de l'expérience**. Ed. Seuil, 1994.
- FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. **Sociologia - Problemas e Práticas**, nº 9, p. 171-177, 1991. Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/1239>. Acesso em: 03 jan. 2024.
- FORMOSINHO, J; MACHADO, J.; MESQUITA, E. **Formação, Trabalho e Aprendizagem - Tradição e Inovação nas Práticas Docentes**. Lisboa: Edições Sílabo, 2015.
- FORMOSINHO, João. **Formação de professores: aprendizagem profissional e ação docente**. Porto: Porto Editora, 2009.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- GIROUX, Henry A. Professores como Intelectuais Transformadores. In: GIROUX, Henry A. **Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. p. 157-164.
- GOODSON, Ivor. **Narrativas em Educação: vidas e vozes de professores**. Porto: Porto Editora, 2015.
- JOSSO, Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Revista Educação**, n. 3 (63), p. 413-438, 2007. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/2741>. Acesso em: 03 jan. 2024.
- KELCHTERMANS, Geert. The Emotional Dimension in Teachers' Work Lives: a Narrative-Biographical Perspective. In: ZEMBYLAS, M.; SCHUTZ, P. (Eds.). **Methodological Advances in Research on Emotion and Education**. Londres: Springer, 2016. p. 31-42
- LARROSA, J. Experiência e alteridade em educação. **Reflexão e Ação**, 19(2), p. 04-27, 2011.
- LIMA, Licínio; AFONSO, Almerindo. **Reformas da Educação Pública**. Democratização, Modernização, Neoliberalismo. Lisboa: Afrontamento, 2002.
- NÓVOA, António. Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente. **Cadernos de Pesquisa**, v. 47, n. 166, p. 1106-1133, 2017. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/4843>. Acesso em: 28 nov. 2023.
- NÓVOA, António. Os professores e a história da sua vida. In: NÓVOA (Org). **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 1992. p. 11-31.
- PASSEGGI, Conceição. Nada para a criança, sem a criança: o reconhecimento de sua palavra para a pesquisa (auto)biográfica. In: MIGNOT, Sampaio e PASSEGGI (Orgs). **Narrativas (auto)biográficas de crianças**. Infância, Aprendizagem e Exercício da Escrita. Curitiba: CRV, 2014. p. 133-147.
- PASSEGGI, M^a Conceição. A experiência em formação. **Revista Educação**, v. 34, n. 2, p. 147-156, 2011. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1981-25822011000200004&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 28 nov. 2023.
- PERRENOUD, Philippe. **Ofício de aluno e sentido do trabalho escolar**. Porto: Porto Editora, 1995.
- PINEAU, Gaston. As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 329-343, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/vBbLxwHQHLFnrS48HYbhxw/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 29 nov. 2023.
- QUINTERO MEJÍA, Marieta. **Usos de las narrativas, epistemologías y metodologías: aportes para la investigación**. Bogotá: Editorial Universidad Distrital Francisco José de Caldas, 2018.
- SARMENTO, Teresa. Do passado ao futuro da educa-

ção de professores: o presente abre novos desafios. *In: OLIVEIRA, Rodrigues e Milhano (Org).* **Diálogos sobre Educação de Infância** – cruzar olhares entre a formação e o chão da escola. Braga: APEI e ESECSI-PL, 2021. p. 223-234.

SARMENTO, Teresa; SILVA, Daniela. “Queo a minha Shela, queo os amigos”: refletir o isolamento social de bebês em tempos de pandemia, na base de uma experiência vivida em Portugal. **Zero-a-Seis**, Florianópolis, v. 22, n. Especial, p. 1206-1228, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view/77963>. Acesso em: 04 jan. 2024.

SARMENTO, Teresa. A criança entre-lugares: na família e na escola. *In: A. Filho & L.V. Dornelles (Eds.).* **Lugar da criança na escola e na família: a participação e o protagonismo infantil**. São Paulo: Editora Mediação, 2018. p. 47-70.

SARMENTO, Teresa. Infâncias e crianças em narrativas de educadoras de infância. *In: PASSEGGI, FURNALETTO e PALMA (Org.).* **Pesquisa (auto)biográfica, infâncias, escola e diálogos intergeracionais**. Curitiba: CRV, 2016. p. 77-94.

SARMENTO, Teresa. Contextos de Vida e Aprendizagem da Profissão. *In: FORMOSINHO, J. (Org.).* **Sistemas de Formação de Professores: Saberes Docentes, Aprendizagem Profissional e Ação Docente**.

Porto: Porto Editora, 2009. p. 303-327.

SARMENTO, Teresa. **Histórias de Vida de Educadoras de Infância**. Braga: IIE, 2002.

SILVA, Lenina. Lições do passado: memórias e narrativas autobiográficas em perspectivas para o futuro. **e-cadernos CES**, <http://journals.openedition.org/eces/1327>, 2008.

SOUZA, Elizeu Clementino. **O conhecimento de si: estágio e narrativas de formação de professores**. Salvador: UNEB; Rio de Janeiro: DP Et Alli, 2006.

SUAREZ, Daniel. Relatar la experiencia docente. La documentación narrativa del mundo escolar. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 50, p. 193-209, 2017. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/30500>. Acesso em: 17 jan. 2024.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. Petrópolis: Vozes, 2012.

Recebido em: 06/01/2024

Revisado em: 30/05/2024

Aprovado em: 06/06/2024

Publicado em: 15/06/2024

Teresa Sarmento é Doutora em Educação pela Universidade do Minho. Professora Associada e investigadora no Instituto de Educação, integrada no Departamento de Ciências Sociais da Educação e no Centro de Investigação em Estudos da Criança da Universidade do Minho, Braga. *E-mail:* tsarmento@ie.uminho.pt